



Lula e Flávio mostram reverência à padroeira

Pivô de controvérsias na campanha eleitoral, Nossa Senhora Aparecida é homenageada pelos presidentiáveis em sua data festiva. Bispo pede desarmamento

» DANANDRA ROCHA
» PEDRO JOSÉ BORGES

Nossa Senhora Aparecida foi homenageada, ontem, pelos dois candidatos à Presidência da República. Na data comemorativa da santa, as campanhas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do senador Flávio Bolsonaro trataram de registrar imagens associando ambos à reverência à padroeira do Brasil.

A estratégia se fundamenta na polêmica em torno da informação disseminada nas redes sociais, ainda antes do primeiro turno, de que Flávio poderia retirar da santa o título de padroeira do Brasil. As mensagens relacionam a frase em que o senador diz que, se eleito, vai decretar que “o Brasil é do Senhor Jesus Cristo” a uma proposta legislativa que retira o título da santa. O debate envolve o Projeto de Lei 2.623/2007, apresentado pelo então deputado Vitorio Galli, arquivado em 2008, mas que poderia ser desarquivado, em que Nossa Senhora seria “padroeira dos brasileiros católicos apostólicos romanos”.

Flávio, de um lado, tenta demonstrar que é falsa, a informação. Lula, de outro, esforça-se para mostrar que sempre alimentou a fé católica e que Flávio é ligado a pastores que defendem o projeto.

Após participar de uma missa na capela privativa do Palácio da Alvorada, Lula, católico praticante, defendeu o respeito à liberdade religiosa. O presidente conversou com jornalistas no jardim da residência oficial, acompanhado de crianças, mulheres e integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST). Ele, também, fez referência ao Dia das Crianças, celebrado na mesma data.

Ao justificar a realização da cerimônia, Lula afirmou que a convivência democrática pressupõe o respeito às diferentes crenças. “Um país civilizado, um país harmônico, um país democrático” deve garantir que cada cidadão tenha liberdade para escolher a própria religião, declarou. Lula também criticou manifestações de religiosos que, segundo ele, desrespeitam a fé católica. Ao mencionar Nossa Senhora Aparecida, afirmou que a santa é “ofendida por alguns

Ricardo Stuckert



Lula entronizou a imagem da santa na capela do Alvorada

Charles Vieira/Divulgação Campanha Flávio Bolsonaro



Flavio Bolsonaro rezou na missa das 11h da catedral de Brasília

religiosos que não querem respeitar a religião dos outros”.

Lula ressaltou que ninguém deve ser obrigado a seguir determinada crença e defendeu que a espiritualidade de cada pessoa seja respeitada. “Ninguém é obrigado a ter a mesma religião, o que nós precisamos apenas é respeitar a fé e a espiritualidade das pessoas como elas são”, afirmou. O

presidente acrescentou que Nossa Senhora Aparecida ocupa um lugar importante em sua vida espiritual e que a homenagem tinha significado pessoal, além de representar uma celebração relevante para os católicos brasileiros.

Lula mencionou também a Campanha da Fraternidade, promovida pela igreja católica, cujo tema é Fraternidade e Moradia. O

presidente disse que a sua política pública de moradia responde ao apelo da campanha.

Como faz há mais de 40 anos, o vice-presidente Geraldo Alckmin (PSB) participou da missa solene no Santuário Nacional de Aparecida, acompanhado da esposa, Lu Alckmin.

Gratidão

Também em Brasília, Flávio Bolsonaro participou da missa das 11h na Catedral. Após a cerimônia, ele agradeceu pelas orações pelo país e afirmou que deixou o local com a fé renovada. Flávio, que é evangélico, afirmou que sua presença foi motivada pelo respeito à fé dos brasileiros. “Fiquei muito feliz que, no dia de Nossa Senhora Aparecida, estou aqui só para agradecer a Deus e a todo mundo que está orando, que está rezando pelo nosso Brasil”, afirmou.

O senador também relacionou a participação na celebração à confiança no país e ao acolhimento recebido durante o encontro. Segundo ele, o momento foi uma oportunidade de reafirmar sua fé e agradecer às pessoas que participaram da cerimônia. “Hoje a coisa mais importante é vir aqui mais uma vez reforçar a fé que eu tenho no nosso país, ser acolhido da forma como a gente foi acolhido aqui junto de pessoas de fé e renovar a fé de milhões de brasileiros”, declarou.

Durante a homilia, o pároco da Catedral de Brasília, padre Agenor Vieira, cumprimentou Flávio Bolsonaro e os demais convidados presentes. O religioso deu as boas-vindas ao senador e candidato à Presidência e também saudou o pastor Pedro e representantes da comunidade evangélica que acompanhavam a celebração. “Quero acolher de modo carinhoso Flávio Bolsonaro, senador da República e candidato à Presidência da República. Seja muito bem-vindo à nossa igreja, querido Flávio”, disse o padre.

Além do senador, participaram do evento Fernanda Bolsonaro, esposa do candidato, o senador Izalci e a senadora eleita Bia Kicis. O deputado federal Alfredo Gaspar, candidato a vice-presidente na chapa de Flávio, também foi recebido durante a cerimônia.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Lula sai das redes para as ruas e Flávio tenta barrar essa reação no TSE

O PT conseguiu, na última semana, dar forma política à reação de setores da sociedade ao resultado do primeiro turno. Depois da perplexidade provocada pela vantagem de Flávio Bolsonaro, a campanha de Luiz Inácio Lula da Silva começou a encontrar nas ruas uma energia que lhe faltara antes da votação. Universitários e secundaristas aparecem como protagonistas dessa retomada. A mobilização ainda não comprova uma virada eleitoral, mas rompe a imagem de uma candidatura paralisada diante do avanço do adversário.

Flávio busca preservar sua vantagem e conter a recuperação do adversário, inclusive pela via judicial. Lula precisa fazer a energia dos estudantes e das manifestações chegar às periferias, aos trabalhadores e aos eleitores que rejeitam ambos. A rua devolveu iniciativa à campanha governista. A mudança consiste em aproximar a estrutura partidária de uma disposição de resistência que ultrapassa suas fronteiras.

Para parte desses jovens, a eleição passou a representar uma escolha sobre educação pública, direitos trabalhistas e democracia. O desafio petista é transformar essa percepção em participação organizada e, depois, em votos. Uma praça cheia pode devolver confiança à militância; conquistar quem está fora dela exige propostas capazes de responder ao custo de vida, à insegurança e à falta de perspectivas.

No dia 7, estudantes convocados pela União Nacional dos Estudantes (Une) percorreram o centro do Rio, da Candelária à Cinelândia. A defesa da educação pública e do programa Pé-de-Meia apareceu entre as reivindicações. No dia seguinte, milhares de jovens saíram da Praça Santos Andrade, diante da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, em direção à Boca Maldita. Cartazes em defesa da democracia e dos direitos trabalhistas associaram o apoio a Lula e à oposição a Flávio e ao governador eleito Sérgio Moro.

O ponto de maior visibilidade foi a Marcha pela Democracia na Avenida Paulista, no domingo, com a presença de Lula. A jornada teve atos em outras 76 cidades. Nesta segunda-feira, Copacabana reuniu milhares de apoiadores, mesmo sem o presidente, numa concentração que ocupou cerca de sete quarteirões da Avenida Atlântica. Houve também mobilizações em Belo Horizonte, Recife, Vitória, Salvador, Goiânia e Campinas. A dispersão territorial importa: mostra capacidade de convocação além da agenda pessoal do candidato.

Há uma ligação direta entre essa ocupação das ruas e a tentativa de reduzir a desvantagem digital do presidente. As redes convocam, distribuem argumentos e fazem circular as imagens dos atos; as manifestações devolvem às redes uma demonstração de força, que alcança pessoas que não frequentam reuniões partidárias. O celular funciona como instrumento de organização, enquanto a presença física oferece a experiência coletiva que as mensagens nas redes não produzem.

Disputa judicial

É nesse circuito que se insere o canal de WhatsApp “Exército do Lula”, criado pelo deputado André Janones, com mais de 4 milhões de inscritos. Seu alcance ajuda a explicar por que se tornou alvo da campanha de Flávio Bolsonaro. Ao pedir sua suspensão, sob a alegação de disseminação de desinformação, a oposição procurou retirar de funcionamento um instrumento importante da reação petista. A disputa judicial interfere na capacidade de mobilização do Lula.

O cabo de guerra no Tribunal Superior Eleitoral agrava essa dimensão. O presidente da Corte, Kassio Nunes Marques, determinou a suspensão do canal depois que a campanha de Flávio o procurou, embora o caso já estivesse sob análise do corregedor Ricardo Villas Bôas Cueva. O relator revogou a ordem, considerou insuficientes os elementos para uma restrição tão abrangente e remeteu a controvérsia ao plenário. Manteve, entretanto, a proibição de divulgar conteúdos considerados ilícitos.

Combater informações falsas é necessário, mas bloquear integralmente um canal exige fundamentação proporcional ao impacto da medida. A indicação de Nunes Marques por Jair Bolsonaro não demonstra, por si, parcialidade, porém, torna ainda mais importante a transparência de uma decisão que beneficia eleitoralmente o filho do ex-presidente. A sobreposição de ordens tumultua o processo. E oferece aos dois lados argumentos para contestar a atuação dos ministros do TSE quando lhes é desfavorável.

Politicamente, a suspensão também produziu um efeito contrário ao pretendido. O canal ganhou inscritos, Janones converteu a controvérsia em campanha contra a censura, e Lula encontrou um episódio concreto para mobilizar seus apoiadores. Isso não resolve a discussão sobre o conteúdo das mensagens, nem autoriza a divulgação de falsidades.

A reação de Lula ocorre junto com uma reorganização do comando petista. Camilo Santana passou a cuidar da articulação política; Rui Costa, da agenda; e Rafael Fonteles, do aconselhamento na comunicação. Lula ampliou seu controle sobre as decisões da campanha, enquanto Geraldo Alckmin deve ganhar espaço na aproximação com eleitores não petistas. A redistribuição procura combinar coordenação territorial, comunicação e ampliação de alianças.

‘O evangelho não autoriza o ódio’

Divulgação/Santuário de Aparecida



Arcebispo pede desarmamento e atenção à fome e à pobreza

Na principal cerimônia religiosa realizada, ontem, na Catedral Basílica de Aparecida (SP), dia da Padroeira do Brasil, o arcebispo metropolitano Dom Mário Antônio da Silva pediu o desarmamento e atenção à fome e aos pobres.

Dom Mário fez as declarações na missa solene das 9h. Entre os presentes, estavam o vice-presidente da República, Geraldo Alckmin, e o ministro da Saúde, Alexandre Padilha.

“Quem escuta Deus não pode ficar indiferente diante da fome, da pobreza, da violência, da solidão. Não pode ficar indiferente diante das famílias feridas, das crianças também feridas, dos jovens sem esperança, dos idosos abandonados. Não podemos ficar indiferentes diante das guerras, da destruição da natureza, e de tantos outros males que nos afetam, que afetam a população do Brasil e do mundo”, destacou o arcebispo no sermão da missa.

Em outro trecho da homilia, o arcebispo pediu o desarmamento e a paz. “Sabemos que Jesus manda construir a paz. E aqui escutando [o papa] Leão XIV, uma paz desarmada e desarmante. Mas muitas vezes alimentamos divisões com armamentos, com guerras e tantos

confrontos entre nós. O evangelho, queridos irmãos e irmãs, não nos autoriza a odiar quem pensa diferente, nem a matar os inimigos”, acrescentou.

Após a cerimônia, em entrevista coletiva, Dom Mário foi perguntado se temia que Nossa Senhora Aparecida perdesse o título

de Padroeira do Brasil. “Não tenho nenhum temor de que Maria deixará de ter importância que tem na vida do povo brasileiro. O título de padroeira do Brasil foi dado pelo papa em 1930. E proclamado aqui no Brasil, a capital era o Rio de Janeiro, em 31 de maio de 1931. Então, já é uma